

Comitê de bancos pedirá manutenção dos créditos

O comitê de doze bancos que assessora a renegociação da dívida externa brasileira deverá enviar um telex a todos os 600 credores pedindo que as linhas de financiamento de curto prazo para o País, que somam cerca de US\$ 16 bilhões, sejam mantidas. A preocupação do comitê — formado pelos maiores credores — é com os bancos menores, que, com receio da suspensão dos pagamentos das dívidas de médio e longo prazos, poderiam não renovar as linhas interbancárias, criando sérios problemas de caixa para o Brasil.

No telex aos bancos, o comitê chegou a pensar em esclarecer no texto que a decisão brasileira de bloquear os depósitos referentes às linhas de curto prazo, no caso de não serem renovados, havia sido unilateral. Mas a insatisfação do comitê, de não ter sido pelo menos comunicado sobre a medida, foi contornada pelo Diretor do Banco Central para Assuntos da Dívida Externa, Antônio Pádua Seixas, que habilmente conseguiu convencer os coordenadores de

que tal mensagem poderia gerar uma reação negativa junto aos bancos menores.

Embora o número de credores privados do Brasil seja superior a 600, a verdade é que um volume considerável da dívida está concentrada nas mãos de poucos grupos financeiros. De cerca de US\$ 70 bilhões que o País deve aos bancos, 15 por cento são de responsabilidade de apenas três grupos (Citicorp, Bank of America e Chase Manhattan Bank). Se a esta relação for adicionado o Banco do Brasil — maior credor externo do País —, o percentual cresce para 25 por cento. Nas linhas de curto prazo, somente dois bancos — o Manufactures Hanover e o da America — respondem por cerca de dez por cento dos empréstimos.

Por causa da concentração e da fragilidade que o Brasil tem hoje diante dos bancos de menor porte, é que o comitê espera que as autoridades acelerem a renegociação da dívida. No dia 31 de março termina o

atual acordo e a partir dessa data o comitê de assessoramento não terá, formalmente, mais controle sobre a renovação dos empréstimos para o Brasil. Dificilmente um novo protocolo poderá ser assinado até lá, mas o comitê espera que antes de 31 de março as autoridades apresentem as bases de uma proposta de renegociação. A assinatura formal poderá ocorrer meses depois, mas sem uma definição prévia do que será discutido a situação poderá se complicar.

Os grandes bancos credores terão uma perda expressiva de receita no primeiro trimestre do ano por causa da suspensão do pagamento de juros pelo Brasil: o Citicorp, por exemplo, contabilizará uma perda de US\$ 50 milhões; o Chase e o Bank of America perdem, cada um, de US\$ 35 a 40 milhões. Os bancos não recebem juros, mas do outro lado terão de remunerar seus depósitos. A receita perdida agora será, no entanto, recuperada pelo pagamento de juros de mora, correspondente aos dias da suspensão da remessa dos juros.